Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET
Curso de Licenciatura em Letras – Língua e Literatura Japonesa

Marcelo de Paula Rodrigues Júnior

PALAVRAS QUE FLOREM: UM DIÁLOGO ENTRE SHAKESPEARE E BASHŌ

Brasília - 2025
Marcelo de Paula Rodrigues Júnior

PALAVRAS QUE FLOREM: UM DIÁLOGO ENTRE SHAKESPEARE E BASHŌ

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras: Língua e Literatura Japonesa pela Universidade Brasília – UnB

Orientador: Prof. Me. Wendell Martins Silva

Brasília - 2025

Marcelo de Paula Rodrigues Júnior

PALAVRAS QUE FLOREM: UM DIÁLOGO ENTRE SHAKESPEARE E BASHŌ

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras: Língua e Literatura Japonesa pela Universidade Brasília – UnB

Orientador: Prof. Me. Wendell Martins Silva

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Wendell Martins Silva – Orientador

Prof. Dr. Cacio José Ferreira – Membro

Prof. Dra. Kimiko Uchigasaki Pinheiro – Membro

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus amigos, por nunca deixarem que eu esquecesse do meu propósito. E a todos que, de alguma forma, me inspiraram a seguir em frente, mesmo nos dias mais difíceis.

Agradecimentos

A publicação desta monografia não apenas encerra uma etapa acadêmica, mas também incorpora todo o cuidado, apoio e conhecimento integrados em cada passo da minha jornada.

Com profunda gratidão, dedico estas palavras a todos que de alguma forma – direta ou indiretamente – ajudaram a criá-la.

Para começar, à minha família pelo amor incondicional, pelo apoio emocional e por momentos quais eu estava imerso em dúvidas, sempre me incentivaram a continuar. Sem a ajuda de vocês ao longo do caminho, esta jornada teria sido ainda mais difícil!

Nesse ínterim, gostaria de agradecer aos meus professores por não apenas darem instrução em cada curso, mas também por terem um olhar atento aos detalhes. Especialmente ao Professor Wendell Martins Silva, com sua orientação cuidadosa, sugestões precisas, paciência e seus esforços para participar de todas as etapas do processo. Sua compreensão e incentivo foram essenciais para o que se desenvolveu neste trabalho.

Gostaria também de expressar meus mais sinceros agradecimentos à minha Professora Veryanne, que ensinou com generosidade calorosa e inspiradora, cuja referência me incentivou a trilhar meu caminho atual.

Os agradecimentos seguem àqueles amigos e colegas que estiveram comigo durante as sessões de estudo e compartilharam as pausas necessárias. Pela preocupação com ansiedades, enigmas, descobertas e a jornada juntos. Especialmente, meus queridos amigos Haru, Jhonata, Lucas e Wanderson, por sempre me encorajarem, me lembrarem do meu potencial e me unirem a si mesmos com palavras de tais amigos nos momentos de provas mais difíceis.

Por fim, sou grato a todas e cada uma das experiências – felizes, sombrias, que de alguma forma influenciaram minha visão de vida e me trouxeram até este ponto.

Mais uma vez, muito obrigado a todos.

RESUMO

Esta pesquisa propõe a comparação de dois sonetos de Shakespeare (18 e 116) e dois haicai de Bashō (os poemas das duas estações são "gramas de verão" e "flores de cerejeira") suspensos por um tema de mudança temporal contrastando com a durabilidade permanente. Embora tanto Shakespeare quanto Bashō fossem expoentes de períodos histórico-culturais diferentes e, portanto, literários com coisas singulares - verso inglês elisabetano para o primeiro e poesia japonesa da era Edo para o segundo - os

autores refletem em suas poéticas problemas que são universais, como a imortalização através da arte, extinto pela decadência e um povo perdido por falta de lembrança. Shakespeare emprega a forma do soneto para servir como um modelo de beleza e amor, Bashō no pensamento Zen da poesia japonesa, que a aceitação do vazio é em si essência e espírito. Esta ligação com o Budismo Zen explica sua profunda compreensão de mujō também: "impermanência". O estudo utiliza uma abordagem qualitativa e bibliográfica com autores como Helen Vendler (1997) por meio da obra *The Art of Shakespeare's Sonnets*, Stephen Booth (1977) em *Shakespeare's Sonnets*, Haruo Shirane (1998) considerando a escritura *Traces of Dreams: Landscape, Cultural Memory, and the Poetry of Basho* e David Barnhill (2004) debruçando-se em *Basho's Haiku: Selected Poems by Matsuo Basho*, que fornecem as teorias e explicações necessárias para analisar poemas. Através desta comparação, o artigo evidencia que, embora possam parecer diferentes na forma poética (o soneto ocidental com sua estrutura estabelecida e retórica elevada, é contrastado com um haicai oriental com brevidade e conotação), ambos tratam de temas igualmente profundos lidando com a duração do tempo e a busca interior pelo que é durável. Esta proposta facilita a pesquisa literária, através de um diálogo intercultural, que expandirá o repertório crítico do leitor.

Palavras-chave: William Shakespeare; Matsuo Bashō; poesia comparada; haicai; soneto.

ABSTRACT

This research proposes a comparison between two sonnets by William Shakespeare (Sonnets 18 and 116) and two haiku by Matsuo Bashō (the seasonal poems "Summer grasses" and "Cherry blossoms"), united by a thematic axis that contrasts temporal change with enduring permanence. Although Shakespeare and Bashō were exponents of different historical and cultural periods—and thus of distinct literary traditions, with Elizabethan English verse for the former and Edo-period Japanese poetry for the latter—both authors reflect, in their poetics, universal concerns such as the quest for immortality through art, the extinction brought by decay, and the collective loss caused by the absence of remembrance. Shakespeare employs the sonnet form as a model for beauty and love, while Bashō, rooted

in the Zen thought that informs Japanese poetry, affirms that the acceptance of emptiness is, in itself, essence and spirit. This connection with Zen Buddhism also explains his deep understanding of mujō, or "impermanence."The study adopts a qualitative and bibliographic approach, drawing on authors such as Helen Vendler (1997), through The Art of Shakespeare's Sonnets; Stephen Booth (1977), in Shakespeare's Sonnets; Haruo Shirane (1998), in Traces of Dreams: Landscape, Cultural Memory, and the Poetry of Bashō; and David Barnhill (2004), in Bashō's Haiku: Selected Poems by Matsuo Bashō, whose works provide the theoretical foundation for the analysis of the poems. Through this comparison, the article shows that although the poetic forms may appear different—the Western sonnet with its fixed structure and elevated rhetoric contrasted with the Eastern haiku marked by brevity and suggestion—both deal with equally profound themes, addressing the passage of time and the inner search for what is lasting. This proposal promotes literary research through an intercultural dialogue that broadens the reader's critical repertoire.

Keywords: William Shakespeare; Matsuo Bashō; comparative poetry; haikai; sonnet.

要約

本研究は、ウィリアム・シェイクスピアのソネット（第18番および第116番）と、松尾芭蕉の俳句（二つの季節の詩「夏草」「桜花」）を比較し、「時間の変化」と「永続性」という対照的な主題を軸に考察するものである。シェイクスピアと芭蕉は、それぞれ異なる歴史的・文化的背景の下で活躍した詩人であり（前者はエリザベス朝の英詩、後者は江戸時代の日本詩）、両者の文学的伝統には固有の特徴が見られる。しかしながら、両者の詩的表現には、「芸術による不朽」、「衰退による喪失」、そして「記憶の欠如による忘却された民」のような、普遍的な問題意識が反映されている。シェイクスピアは、美と愛の理想像を描くためにソネット形式を用い、芭蕉は日本詩における禅思想を基に、「空」の受容こそが詩の本質であり精神であると捉えた。この禅仏教との関係は、芭蕉の「無常」に対する深い洞察にもつながっている。本研究は質的かつ文

献学的アプローチに基づき、以下の主要な文献を理論的枠組みとして採用する：ヘレン・ヴェンドラー「The Art of Shakespeare's Sonnets」（1997年）、スティーヴン・ブース「Shakespeare's Sonnets」（1977年）、白根治男「Traces of Dreams: Landscape, Cultural Memory, and the Poetry of Bashō」（1998年）、およびデイヴィッド・バーンヒル「Bashō's Haiku: Selected Poems by Matsuo Bashō」（2004年）。これらの文献は、詩の解釈と分析に必要な理論的基盤を提供している。この比較研究を通じて、本稿は、形式上は異なる（構造が整い修辞性の高い西洋のソネットと、簡潔で含意に富む東洋の俳句）にもかかわらず、いずれの形式も「時間の持続」や「永遠性の探求」といった深遠な主題に取り組んでいることを明らかにする。本研究は、異文化間における文学的対話を促進し、読者の批評的視野を広げることによって、文学研究の可能性をさらに深めるものである。

キーワード: ウィリアム・シェイクスピア; 松尾芭蕉; 永; 比較詩学; 俳句; ソネット.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **10**

2. JUSTIFICATIVA **11**

3. OBJETIVOS 14

3.1. Geral 14
3.2. Específicos 14

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 14

5. INSTANTE E ETERNIDADE: REFLEXÕES INFINITAS 16
5.1 Os sonetos de Shakespeare 16
5.1.1 Estrutura do soneto Shakespeariano 19
5.2 Origem do Haicai 20
5.2.1 As temáticas retratadas nos Haicais de Bashō 21
5.3 Análise e comparação entre sonetos e haicais 23
5.3.1 Verão imortal: A eternidade gravada em verso – Análise do soneto 18 23
5.3.2 Estrela inabalável: O Amor contra o tempo – Análise do Soneto 116 25
5.3.3 Ecos na grama: O silêncio dos sonhos perdidos – Análise de haicai 27
5.3.4 Flores que relembram: Memória e graça na velhice – Análise de haicai 28

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS **31**

5. REFERÊNCIAS **34**

APÊNDICES 36

1. INTRODUÇÃO

A literatura, por meio de diversas manifestações, transcende fronteiras culturais e temporais, oferecendo uma rica tapeçaria de experiências humanas. Dentre as múltiplas faces da produção literária, os aspectos que tensionam o eterno e o efêmero revelam-se de forma marcante na literatura mundial, atravessando temas, imagens e sensibilidades ao longo dos séculos. Diante disso, esta pesquisa busca explorar aspectos do efêmero e do eterno presentes obra de duas referências da literatura: William Shakespeare e Matsuo Bashō. A escolha desses

autores é fundamentada no elevado grau de relevância de seus escritos para o cânone literário tanto ocidental, quanto oriental, assim como na habilidade em abordar questões universais de maneira criativa em aspectos simbólicos e estéticos.

Shakespeare, frequentemente celebrado como um dos maiores nomes da literatura inglesa, produziu 154 sonetos que exploram temas como amor, tempo e morte. Esses sonetos, como apontado por Helen Vendler em *The Art of Shakespeare's Sonnets*, funcionam como "laboratórios poéticos de pensamento", onde um *eu* pastoral busca novos limites para a expressão da fala e do sentimento humanos. Em contrapartida, Matsuo Bashō, um dos mais proeminentes poetas do período Edo no Japão, elevou o *haiku*[1] a um gênero literário independente, impregnado de uma dimensão espiritual. Haruo Shirane em *Traces of Dreams: Landscape, Cultural Memory, and the Poetry of Basho* (1998) observa que Bashō contempla a natureza como uma projeção de uma memória cultural construída ao longo de séculos.

Para tal, esta pesquisa adotou a abordagem qualitativa de caráter bibliográfico, utilizando como metodologia a leitura crítica comparativa de poemas selecionados, respaldada por referências teóricas que possibilitam tanto uma análise formal quanto uma interpretação temática e simbólica. A análise dos contextos textuais é considerada crucial, contando com a contribuição de especialistas como Stephen Booth, Helen Vendler, Haruo Shirane e David Barnhill, que oferecem considerações relevantes a respeito das condições de produção e os elementos poéticos presentes nas obras analisadas. Este estudo propõe-se a investigar as os pontos de convergência entre distintas tradições poéticas, tomando como eixo comparativo a observância do efêmero na estética de Matsuo Bashō e a reflexão sobre o eterno nas obras de William Shakespeare. Ao analisar como essas duas expressões literárias abordam questões humanas universais, busca-se revelar os modos pelos quais diferentes sociedades simbolizaram, por meio da poesia, a transitoriedade e a permanência na experiência da existência.

Além do valor acadêmico, este estudo propõe-se a ser também uma contribuição significativa para o campo educacional e cultural. No campo da formação em literatura, especialmente na área de Língua e Literatura Japonesa, a familiarização com tradições literárias, como a poesia que vão além do Japão enriquece o repertório crítico dos leitores, promovendo leituras mais respeitosas, interculturais e reflexivas. Como Antônio Candido em *Discurso e a cidade* (1995, p. 249) afirma, "o grau em que a literatura humaniza as pessoas é mensurável na maior abertura que isso lhes dá, e enquanto elas se familiarizam mais com as formas de dor experimentadas por outros." Portanto, A conexão entre Shakespeare e Bashō se revela como um exercício de escuta poética sobre a ação do tempo – seja na tentativa de eternizar a beleza,

[1] Haiku: Um poema que registra a essência de um momento intensamente percebido, no qual a natureza se conecta à natureza humana. Um *haiku* é escrito em três versos sem rima, de dezessete sílabas.

seja na aceitação de sua efemeridade – expressa através de camadas simbólicas que refletem suas respectivas visões de mundo.

Este estudo encontra-se estruturado em seis segmentos principais, além da Introdução. A segunda delas trata dos fundamentos que justificam a escolha dos autores analisados, bem como da pertinência da comparação proposta. A seção seguinte explicita o escopo da pesquisa, delineando seus objetivos gerais e específicos. Em continuidade, apresenta-se a metodologia adotada, com a descrição dos procedimentos de investigação e dos materiais utilizados. Em seguida, a parte constitui o corpo teórico do trabalho, abarcando a contextualização dos gêneros poéticos – soneto e haicai –, uma breve exposição sobre os poetas em foco, além da discussão dos principais conceitos críticos mobilizados na análise. Nessa etapa, desenvolve-se também a leitura comparativa dos poemas, dividida entre sonetos e haicais, com atenção especial às estruturas formais, aos temas recorrentes e às implicações filosóficas. Por fim, a última seção reúne as considerações finais, retomando os pontos centrais da pesquisa e sintetizando suas contribuições para os estudos literários, bem como para a formação crítica e cultural do leitor.

Ao longo do percurso proposto, espera-se a apreciação sensível e rigorosa das expressões poéticas em confronto, respeitando os parâmetros estabelecidos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que asseguram coerência metodológica e uniformidade formal à presente investigação.

2. JUSTIFICATIVA

Ao longo da história literária, artistas e poetas têm se debruçado sobre a experiência humana de forma sensível e explorando suas diferentes formas, imprimindo na própria escritura sentimentos profundos e universais. Por meio das palavras expressam inquietações ligadas à passagem do tempo, à efemeridade da existência e à inevitabilidade da morte – temas que atravessam séculos e fronteiras culturais, permanecendo como constantes na tessitura simbólica da literatura mundial.

No decurso da minha trajetória acadêmica, especialmente por meio das investigações em crítica e teoria literária, chamou-me a atenção a exploração e certa escassez de estudos sistemáticos aos clássicos da literatura japonesa, em particular à produção do chamado período formativo – marco essencial na consolidação estética e filosófica da tradição poética do Japão. Trata-se de um campo vasto, ainda pouco explorado em muitos currículos ocidentais, cuja riqueza imagética e concisão formal, notadamente nos haicais e nos waka, oferece contribuições singulares como a valorização do instante e integração entre homem e natureza para a compreensão dos modos como diferentes culturas concebem o tempo, o instante e a memória.

Essa constatação serviu como impulso para a presente pesquisa, que busca estabelecer diálogos comparativos com outras tradições poéticas, como a inglesa elisabetana, evidenciando pontos de contato e dissonância na maneira como diferentes civilizações elaboraram poeticamente a transitoriedade da vida. Tal perspectiva encontra respaldo especialmente na leitura da obra de Matsuo Bashō, cuja poética do instante transcende o mero registro de sensações fugidias e adquire densidade simbólica ao se articular com o tempo histórico, a memória coletiva e a natureza. Nesse sentido, conforme destaca Shirane (1998):

> Bashō não apenas aperfeiçoou a forma do haicai, como também redefiniu seu papel, expandindo-o para além das impressões momentâneas, conectando o presente à memória cultural, à paisagem e à tradição literária. Sua influência molda fundamentalmente como o haicai é concebido até os dias atuais. (Shirane, 1998, p. 3)

Essa citação evidencia como Bashō elevou o haicai de uma simples observação momentânea para uma forma poética capaz de articular o efêmero com o duradouro. Ao conectar o presente à memória cultural e à tradição literária, ele transformou cenas passageiras da natureza em registros carregados de significado.

A compreensão dessa amplitude estética é crucial para que se possa analisar, em chave comparativa, as distintas formas de lidar com o efêmero e o perene na poesia de diferentes contextos civilizacionais.

Logo, se faz necessário realizar investigações desse tipo para compreender como os autores de distintas nacionalidades foram influenciados. Em outras palavras, é primordial destacar as diferenças e semelhanças no estilo de escrita e na cultura, e observar como uma variedade de experiências humanas podem ser expressas.

Como afirma Antonio Candido (1995, p. 249): “a literatura humaniza na medida em que torna o homem mais sensível ao sofrimento alheio e mais aberto à compreensão das diferenças”. Ao promover o exercício da empatia e da alteridade, a literatura revela-se não apenas como forma estética, mas também como instrumento de formação ética e intelectual. Nesse contexto, os textos clássicos, ao atravessarem os séculos e continuarem a suscitar interpretações renovadas, demonstram sua permanência simbólica e riqueza analítica.

Ao colocá-los em diálogo, especialmente por meio de abordagens comparatistas, torna-se possível observar como diferentes tradições literárias – marcadas por contextos históricos e culturais diversos – elaboram questões universais como o amor, a morte e a percepção do tempo. Tal confronto revela tanto convergências quanto tensões, permitindo ampliar a compreensão sobre os modos de representação da experiência humana através da palavra poética.

Dessa forma, pode-se adotar uma visão mais ampla da literatura mundial, não limitado apenas à Europa e Ásia na mesma celebração literária, também propondo reflexões sobre as concepções de universalidade e especificidade cultural, mostrando como distintas culturas interpretam temas comuns de maneira independente, influenciadas por suas particularidades históricas e culturais. Nesse contexto, tanto em círculos educacionais quanto acadêmicos, a analogia com os clássicos é fundamental para o diálogo entre diferentes entendimentos críticos. Como afirma Harold Bloom em (2001, p. 2–11), o cânone é constituído por autores que, ao longo do tempo, conseguiram sobreviver à ansiedade da influência e, ao mesmo tempo, se reinventam constantemente.

Diante do exposto, o propósito desta pesquisa vai além da preservação do cânone literário, se estendendo à compreensão crítica dos contextos históricos, culturais e estéticos que moldaram a produção literária ao longo do tempo. A análise comparativa de obras clássicas visa, nesse sentido, evidenciar mensagens de alcance universal, revelando como autores oriundos de tradições distintas (William Shakespeare e Matsuo Bashō), embora não sejam contemporâneos e possuírem geografias contrastantes, partilham sensibilidades convergentes. Shakespeare, ao incorporar a intensidade dramática e a retórica refinada da literatura elisabetana, e Bashō, ao depurar a linguagem na tradição japonesa do haicai, expressam, cada qual a seu modo, uma contemplação da natureza e da condição humana.

Apesar das diferenças estilísticas entre o soneto e o haicai, bem como das distâncias temporais e culturais que os separam, ambos os autores abordam de forma ambígua e sutil, temas fundamentais como o amor, a morte, o tempo e a transitoriedade da vida. Assim, ao promover o confronto entre esses clássicos, o objetivo propõe a identificação de semelhanças ou contrastes temáticos e à apreensão da literatura como expressão multifacetada da experiência humana

A justaposição entre Shakespeare e Bashō oferece, portanto, uma leitura intercultural fecunda, especialmente ao explorar a tensão entre os conceitos de eternidade[2] e efemeridade[3]. Tal abordagem revela que, mesmo diante de tradições poéticas marcadamente distintas, subsiste um núcleo comum de inquietações humanas que transcende fronteiras. Ao reconhecer essas conexões, amplia-se o horizonte interpretativo da obra literária, trazendo a própria experiência do leitor, que é convidado a perceber a poesia clássica como um campo plural, atravessado por visões de mundo diversas, enraizadas em questões universais.

---

[2] O conceito de eternidade refere-se à ideia de algo que transcende o tempo, permanecendo inalterado e permanente diante da passagem dos dias, das estações e das gerações. Na literatura, a eternidade costuma ser associada à perenidade da arte, da memória e dos sentimentos sublimes, como o amor ou a beleza idealizada.

[3] A efemeridade designa aquilo que é transitório, passageiro e sujeito ao desaparecimento. Está relacionada à impermanência da experiência humana, da natureza e dos sentimentos.

3. OBJETIVOS

3.1 Geral:

Investigar, por meio de uma análise comparativa, de que modo os sonetos de William Shakespeare e os haicais de Matsuo Bashō articulam os conceitos de efemeridade e permanência, evidenciando as estratégias poéticas e filosóficas mobilizadas por cada autor na representação da passagem do tempo, da memória e da transcendência.

3.2 Específicos:

- Analisar como os sonetos de Shakespeare e os haicais de Bashō representam a passagem do tempo e a beleza passageira e eterna.
- Investigar as diferentes concepções de efemeridade e permanência nas tradições poéticas ocidental e oriental.
- Refletir sobre o papel da poesia como resposta à transitoriedade da vida.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi fomentada a partir do método qualitativo de caráter bibliográfico, com o intuito de entender, dar sentido e contrastar representações poéticas tanto transitórias quanto duradouras, debruçando-se a partir da produção poética de William Shakespeare comparado com a escrita minimalista de Matsuo Bashō. Para tal, os objetos de estudo escolhidos foram dois sonetos – 18 e 116[4] – de Shakespeare, e "Gramas de verão" e "Cerejeira idosa"[5] de Bashō. A análise está organizada em quatro fases metodológicas autossuficientes, conforme estabelecido abaixo, visando coerência, rigor e profundidade.

Em primeiro momento buscou-se delinear e restringir o os textos a serem estudados. Dois sonetos de William Shakespeare com dois haicais de Matsuo Bashō foram escolhidos por conta da centralidade temática ao lidar com os conceitos de amor, tempo, efemeridade e permanência. O processo de seleção foi guiado tanto pelo valor estético-simbólico desses textos quanto pelo status como exemplares dentro da tradição literária de onde cada um provém. Os textos foram editados nos respectivos idiomas originais e, em seguida, fornecidos com

[4] "Shall I compare thee to a summer's day?" e "Let me not to the marriage of true minds"
[5] "夏草や兵共が夢の跡" e "姥桜 咲くや 老後の 思い出"

traduções e comentários críticos estabelecidos para garantir fidelidade tanto ao detalhe interpretativo quanto ao significado literário/cultural em si.

Na segunda etapa foi realizado o levantamento bibliográfico para conduzir as análises. Assim, trabalhos acadêmicos sobre autores como Shakespeare e Bashō foram utilizados com fortuna crítica a respeito das formas poéticas do soneto e haicai. Nesse momento, com base nos diversos textos coligidos, optou-se por utilizar as produções de Helen Vendler e Stephen Booth como fomento crítico, devido o reconhecimento acadêmico especialista em lirismo shakespeariano; e Haruo Shirane e David Barnhill como referências especialistas na poética de Bashō. Textos teóricos dos críticos previamente que trataram da estética da efemeridade, memória cultural e filosofia poética também serão considerados para apoiar uma leitura comparativa de uma perspectiva crítica e intercultural.

Na sequência, os poemas escolhidos foram analisados observando os aspectos formais (construção, ritmo, imagens, recursos expressivos) e aspectos temáticos (retrato do amor, passagem do tempo, encontro com a morte, busca pela permanência). A narrativa dessa leitura tenta revelar os significados implícitos dessas construções, identificando-os contra o próprio contexto histórico-literário ou os legados filosóficos que carregam. O objetivo deste segmento foi o de criticar o sentimento nuançado pela vida de cada autor e como ele ou ela elabora a experiência humana em linguagem poética.

Como etapa concomitante à citada, foi realizada a tradução dos textos poéticos, como forma de auxiliar na compreensão macro a respeito do objeto da pesquisa. Cabe-se ressaltar que é uma tarefa que requer não apenas domínio das línguas originais, mas também uma sensibilidade profunda às nuances culturais e estilísticas de cada obra. No caso dos sonetos de Shakespeare, a métrica rigorosa e o uso de rimas demandam uma tradução que preserve a musicalidade e a força emocional dos versos. Para os haicais de Bashō, o desafio reside em transmitir a simplicidade e a beleza transitória dos sentimentos evocativos em uma estrutura tão concisa.

5. Instante e eternidade: Reflexões infinitas

A poesia, enquanto expressão artística e cultural, possui uma natureza plural. Ela reflete os sentimentos e valores da sociedade contemporânea em que é criada. Entre as diversas tradições poéticas, duas formas se destacam por seu significado abrangente: o soneto de Shakespeare e o haicai de Bashō.

Apesar de suas origens históricas, culturais e filosóficas distintas, ambos compartilham a intenção de, por meio das palavras poéticas, capturar aspectos da experiência humana, como a transitoriedade da vida, a contemplação da natureza e reflexões sobre o tempo.

Embora a poesia seja complexa e frequentemente carregada de códigos formais, é uma das formas de arte mais acessíveis e universais. Por meio da oralidade, música, performance e educação, ela consegue atingir um público amplo, independentemente de lugar, tempo ou cultura. Embora muitas das vezes restrita a contextos acadêmicos ou instituições culturais, na prática, a poesia é essencial na vida cotidiana, mesmo que raramente registre sua própria presença. Trata-se de uma linguagem que expressa o que é difícil de dizer, que documenta sentimentos e conecta emoções, unindo pessoas e culturas de diferentes épocas, tudo por meio das palavras.

Nesse sentido, a análise comparativa entre o soneto shakespeariano e o haicai de Bashō nos permite compreender mais do que os padrões formais e os temas específicos de cada gênero, revelando como diferentes culturas, por meio da expressão poética, desenvolvem reflexões sobre a vida, a existência e a beleza efêmera do tempo.

5.1 Os sonetos de Shakespeare

Entre as formas fixas da tradição lírica ocidental, o soneto destaca-se por sua estrutura rigorosa e longevidade estética. Como observa Moisés (2004, p. 482): "O soneto é uma composição de catorze versos distribuídos por quatro estrofes, duas quadras e dois tercetos. [...] Constitui uma das formas poéticas mais nobres, tradicionais e exigentes da lírica ocidental."

Ao ser incorporado por diferentes tradições culturais, entretanto, essa forma sofreu adaptações que refletem as especificidades de cada contexto. Nesse sentido, a chegada do soneto à Inglaterra, marca um ponto de inflexão importante, conforme preconiza Curran (1993, p. 23) ao afirmar que "quando o soneto chegou à Inglaterra no século XVI, por meio das obras de Wyatt e Surrey, sofreu alterações formais, incluindo o esquema de rimas e a estrutura das estrofes, o que lançou as bases do que mais tarde seria conhecido como o soneto shakespeariano."

Nesse cenário, Shakespeare escreveu 154 sonetos seguindo o estilo inglês que difere em estrutura e os temas centrais do estilo clássico. O inglês consiste em 14 versos em pentâmetro iâmbico (5 pares de sílabas acentuadas e não acentuadas), divididos em 3 quartetos (estrofes de 4 versos) mais um dístico (estrofe de dois versos) com o esquema de rima: ABAB CDCD EFEF GG.

Em relação às temáticas, Shakespeare aborda mais do que somente o amor idealizado, como também traz na escritura a atração física, tempo, mortalidade e o poder da poesia para eternizar. Segundo o *Critical Survey of Shakespeare 's Sonnets* (2014):

> Os sonetos de Shakespeare envolvem-se profundamente com temas como o amor, o tempo, a mortalidade e a imortalidade poética, retratando o amor em suas múltiplas facetas – desde o afeto idealizado até o desejo físico –, ao mesmo tempo em que enfrentam a inevitabilidade da decadência e afirmam o poder do verso de preservar e eternizar a experiência humana (*Critical Survey of Shakespeare 's Sonnets*, 2014, p. 9, tradução nossa)[6]

Sob esse espectro, segundo Helen Vendler (1997, p. 3) "os sonetos são laboratórios de pensamento poético", nos quais o eu lírico experimenta emocional e filosoficamente as possibilidades de dizer o indizível.

As temáticas mais recorrentes dos sonetos são a relação entre amor e tempo. Por exemplo, nos sonetos 18 e 116, o poeta explora a tensão entre a transitoriedade do mundo físico e a possibilidade de eternização por meio da linguagem. O tempo é personificado como uma força destruidora, como um ceifador que ameaça a juventude e a beleza, mas a poesia aparece como forma de resistência. O verso, ao ser escrito, se torna um instrumento de permanência. Vendler (1997, p. 120) observa que "a linguagem dos sonetos luta constantemente contra o esquecimento, fazendo do poema um artefato contra a ruína".

A mortalidade, por ser o contraponto da eternização tão recorrente nos sonetos, também se torna bastante presente. Ao reconhecer que tudo que vive está condenado também a morrer, encontra na poesia uma forma de memorial. O soneto 55 de Shakespeare é um exemplo dessa crença: "Nem o mármore, nem os monumentos dourados dos príncipes sobreviverão a este poderoso poema." (Shakespeare, Shakespeare's Sonnets, p.48, tradução nossa)[7]. Nesses versos a escrita é elevada ao patamar de monumento imaterial, mais duradouro do que qualquer obra física.

Booth (1977) argumenta que o uso da forma fixa dos sonetos é uma ferramenta para dramatizar a tensão interior dos poemas. "A energia dos sonetos não vem apenas do conteúdo temático, mas da fricção entre a intensidade emocional e a regularidade estrutural" (Booth, 1977, p.137). Ou seja, o conflito entre o que é sentido e o que pode ser expresso formalmente é parte do drama dos sonetos.

---

[6] Shakespeare's sonnets engage deeply with themes of love, time, mortality, and poetic immortality, portraying love in its many facets—from idealized affection to physical desire—while confronting the inevitability of decay and asserting the power of verse to preserve and eternalize human experience. (Critical Survey of Shakespeare's Sonnets, 2014, p. 9)

[7] Not marble, nor the gilded monuments / Of princes shall outlive this powerful rhyme. (Shakespeare, Shakespeare's Sonnets, p. 48)

O amor explorado nos sonetos têm diversas facetas: idealizado, sensual, platônico, possessivo, frustrado e incondicional. O objeto amoroso – ora jovem, ora mulher morena – permite leituras múltiplas, que vão da adoração sublime à denúncia da traição, da idealização à amargura. Vendler enfatiza que Shakespeare "usa o amor como lente para examinar a si mesmo, o outro e os limites da linguagem" (Vendler, 19997, p. 6). Assim o amor não é apenas tema, mas também método e inspiração poética.

Outra temática central é a linguagem como poder poético. Muitos sonetos têm como tema o próprio ato de escrever, refletindo sobre a função do poeta e sobre o estado da arte, a luta contra o tempo e o esquecimento. Como escrito no soneto 65 de Shakespeare, a linguagem como a última fortaleza perante a decadência inevitável: "Oh, como poderá o doce hálito do verão resistir ao destrutivo cerco dos dias impiedosos?". (Shakespeare, Shakespeare's Sonnets, p. 57-58, tradução nossa)[8]

Sendo assim, os sonetos de Shakespeare articulam uma densa rede temática que entrelaça o tempo e o amor com a mortalidade, a linguagem e a identidade. A poesia expressa, mas também desafia a transitoriedade, propondo um espaço de permanência e recriação.

Desse modo, os sonetos de Shakespeare tematizam a impermanência da experiência humana e a enfrenta por meio da própria arquitetura do verso. Como afirma Booth (1977, p. 132), "os sonetos são construções retóricas que buscam fixar aquilo que, por natureza, escapa: o afeto, corpo e memória.", assim, essa estabilidade formal atua como contraponto à fluidez do tempo e à fragilidade da existência. É justamente nessa tensão entre efemeridade temática e permanência estrutural que reside grande parte da potência expressiva da obra. Para aprofundar essa relação entre conteúdo e forma, faz-se necessário examinar, a seguir, os elementos compositivos que definem o soneto shakespeariano.

5.1.1 Estrutura do soneto Shakespeariano

A estrutura do soneto shakespeariano constitui um dos elementos centrais de sua expressividade. Composto por três quartetos e um dístico final, esse modelo articula forma fixa e tensão temática, permitindo ao poeta explorar variações rítmicas e argumentativas dentro de um esquema rigoroso. Compreender a construção formal é fundamental para a análise do efeito poético e retórico. Diante disso, na sequência têm-se uma breve construção explicativa da estruturação do soneto de número 18:

(Quarteto 1)

[8] O, how shall summer 's honey breath hold out / Against the wrackful siege of battering days? (Shakespeare, Shakespeare's Sonnets, p. 57-58)

Shall I| comPARE| thee TO| a SUM| mer's DAY? **Verso 1 (Rima A)**
Thou ART| more LOVE| ly AND| more TEM| perATE: **Verso 2 (Rima B)**
Rough WINDS| do SHAKE| the DAR| ling BUDS| of MAY, **Verso 3 (Rima A)**
And SUM| mer's LEASE| hath ALL| too SHORT| a DATE; **Verso 4 (Rima B)**

(Quarteto 2)
SomeTIME| too HOT| the EYE| of HEAV| en SHINES, **Verso 5 (Rima C)**
And OF| ten IS| his GOLD| comPLEX| ion DIMM'D; **Verso 6 (Rima D)**
And EV| ery FAIR| from FAIR| someTIME| deCLINES, **Verso 7 (Rima C)**
By CHANCE| or NA| ture's CHANG| ing COURSE| unTRIMM'D; **Verso 8 (Rima D)**

(Quarteto 3)
But THY| eTER| nal SUM| mer SHALL| not FADE, **Verso 9 (Rima E)**
Nor LOSE| posSES| sion OF| that FAIR| thou OWEST; **Verso 10 (Rima F)**
Nor SHALL| death BRAG| thou WAN| der'ST IN| his SHADE, **Verso 11 (Rima E)**
When IN| eTER| nal LINES| to TIME| thou GROWEST: **Verso 12 (Rima F)**

Dístico
So LONG| as MEN| can BREATHE| or EYES| can SEE, **Verso 13 (Rima G)**
So LONG| lives THIS,| and THIS| gives LIFE| to THEE. **Verso 14 (Rima G)**

A organização em três quartetos e um dístico final revela o equilíbrio característico do modelo shakespeariano entre forma fixa e progressão argumentativa. Essa estrutura permite ao poeta desenvolver um raciocínio lírico gradual, culminando em uma síntese reflexiva nos versos finais. Nesse arcabouço formal, os sonetos revelam uma lírica densamente engajada com as tensões entre amor e tempo, beleza e decadência, vida e morte.

A poesia emerge, assim, como estratégia de resistência à efemeridade, configurando-se como um espaço simbólico em que sentimento, memória e identidade podem ser preservados contra o desgaste imposto pelo tempo.

A partir dessa perspectiva, as análises que se seguem examinam como os sonetos 18 e 116 elaboram poeticamente essa dialética entre permanência e transitoriedade. Em contraste, foram também considerados haicais de Bashō, cuja estética, enraizada em outra matriz filosófica e cultural, propõe uma contemplação serena e espiritual da impermanência. O diálogo entre essas duas formas poéticas – distintas em origem, forma e intenção – permite aprofundar

a compreensão das diferentes respostas que a literatura oferece à experiência universal do tempo.

5.2 Origem do Haicai

Para compreender a origem e a amplitude estética do haicai na tradição japonesa, é necessário situá-lo em seu contexto histórico e cultural, onde inicialmente se articulava como desdobramento de formas poéticas coletivas. Como explica Barnhill (2004):

> Haicai é um termo usado para descrever uma forma de poesia de verso encadeado, conhecida como *Haiku no Renga*, que é considerada "cômica" ou "pouco ortodoxa". Este estilo poético surgiu nos séculos XVI e XVII e atraiu um público mais amplo do que o *Renga* tradicional. O termo também é empregado de forma mais abrangente para incluir outros gêneros e formas de arte que compartilham a estética do *Haiku no Renga*, como *Haiga* (pintura haicai) e *Haibun* (prosa haicai)". (Landis Barnhill, David, 2004, p. 4).

Ao mencionar a expansão do haicai para além da poesia, incluindo formas como o haiga e o haibun, Barnhill evidencia a versatilidade estética do gênero e sua capacidade de integrar diferentes linguagens artísticas. Essa ampliação demonstra como o haicai se consolidou não apenas como forma poética, mas como uma atitude estética diante do efêmero, incorporando elementos visuais, narrativos e culturais em sua expressão.

Durante o período Heian o *Tanka* com a rítmica moráica de 5-7-5-7-7, era a forma de poesia principal na literatura clássica durante este período, caracterizada pela sensibilidade refinada e temas que retratam os gostos da aristocracia. Porém no período medieval surge o *Renga* (versos encadeados), uma forma de versos interligados que mantinha a estética do *Waka* mas expandia sua estrutura, que envolvia estrofes alternadas com rítmicas silábicas alternadas, posteriormente criando a base para o *Haiku no Renga*, ganhando popularidade nos séculos XVI e XVII. O *Haiku no Renga* atraiu um público mais amplo, ao manter a mesma estrutura clássica do *renga*, mas com um tom mais leve e cômico, rompendo com os padrões aristocráticos, assim democratizando a poesia e tornando mais acessível a outras classes sociais.

"Cada *Renga* é iniciado por um verso denominado *Hokku* com uma estrutura 5-7-5, introduzido pelo *Kigo*[9] e o tom do poema. Com o passar do tempo, o *Hokku* passou a ser apreciado de forma independente, se consolidando mais tarde com a nomenclatura moderna de *Haiku*, termo cunhado por Masoka Shiki ao fim do século XIX para nomear esses poemas como obras autônomas" (Barnhill, 2004, p. 4, tradução minha).

Matsuo Bashō foi o grande precursor pelo desenvolvimento do haicai como forma poética independente, sensível e profunda. Iniciando sua trajetória na escola Danrin, que

[9] Palavra da Estação, ou seja, termo que irá designar qual o período do ano que o poema é retratado.

prezava o humor e a liberdade formal. Influenciado pelo budismo zen, taoismo chinês e poesia clássica chinesa, Bashō passou a integrar aspectos de espiritualidade e contemplação da natureza em sua poética e notou que o haicai poderia abranger não apenas os versos interligados, mas também *Haiga*[10] e *Haibun*[11]. Ele buscava uma "profundidade espiritual e sutileza estética", se afastando das convenções fúteis de seu tempo (Barnhill, 2004, p. 2). Ainda sob essa perspectiva, para Barnhill (2004, p.11) Bashō combinava "poética espiritual com humor terreno", sendo essa fusão um dos principais atrativos de sua obra.

O haicai, embora originado das tradições aristocráticas, alcança com Matsuo Bashō uma inflexão decisiva que o consolida como forma poética autônoma, marcada pela síntese, pela contemplação e por uma estética profundamente ligada à natureza e à impermanência. Essa transformação não apenas redefiniu os caminhos da poesia japonesa, mas também ecoou na modernidade ocidental, sendo redescoberta por poetas do ocidente como Paulo Leminski, Helena Kolody, Luiz Bacellar e influenciando diretamente movimentos como o imagismo, que valorizavam a concisão, a imagem e a sugestão – princípios em consonância com a essência do haicai.

5.2.1 As temáticas retratadas nos Haicais de Bashō

O haicai de Bashō, abarca uma ampla gama de temáticas que refletem não apenas uma sensibilidade estética, mas também um sistema poético e filosófico enraizado na tradição literária japonesa, na espiritualidade e na vida mundana da sociedade japonesa da época. Além da idéia simples do haicai como "um instante de percepção da natureza", sua obra articula impermanência, silêncio, memória cultural e a relação homem e ambiente.

A natureza, sendo o tema mais recorrente do haicai, está presente na maioria dos poemas de Bashō, mas não como representação objetiva. Segundo Barnhill (2004, p. 6), embora se imagine que o haicai seja "principalmente um poema objetivo sobre a natureza", essa visão "também é incompleta e enganosa", pois muitos versos de Bashō também apresentam narrativas, sentimentos e referências históricas. Cada haicai é, por definição, um poema de estação (*kigo*) que vincula o poema não apenas ao tempo natural, mas ao cultural: "Assim, todo poema está situado tanto na natureza quanto no tempo." (Barnhill, 2004, p. 7).

Haruo Shirane em *Traces of Dreams: Landscape, Cultural Memory, and the Poetry of Basho* (1998) aprofunda essa perspectiva argumentando que a poética de Bashō é fortemente

---

[10] Haiga é uma forma de pintura japonesa que combina a pintura em tinta sumi-e com um haicai.

[11] O haibun é um texto curto em prosa, seguido por um ou mais haicais. A prosa que antecede o haicai geralmente se refere a uma experiência vivida pelo escritor.

sustentada pela memória cultural, que permeia e define a experiência do presente. Shirane (1998) afirma:

> Bashō não acreditava na percepção direta da natureza, nem na ideia de que o poeta deveria simplesmente capturar aquilo que se apresentava diante de si. Ao contrário, via a natureza e a composição poética como mediadas pela memória cultural e pelos precedentes clássicos. (Shirane, 1998, p. 1, tradução nossa).[12]

Assim, imagens como a do *uguisu* (rouxinol japonês), ou das flores de cerejeira não são apenas descrições sensoriais, mas simbologias carregadas de significado intertextuais acumulados ao longo dos séculos.

A espiritualidade é outra temática também explorada por Bashō em suas obras. O poeta cultivava uma estética de silêncio, solidão e contemplação. Como aponta Barnhill (2004, p. 9), "O termo estético *sabi* (solidão), de Bashō, era uma qualidade inerente à cena [...] assim como um sentimento experimentado pelo poeta refinado". Para Shirane, essa espiritualidade está mais conectada com o ideal de transitoriedade (*mujō*), que determina não apenas a natureza em transformação, mas a efemeridade da existência humana.

O haicai está longe de ser uma expressão puramente individual e introspectiva. Muitas das obras de Bashō compunham contextos sociais, como saudações, visitas a discípulos ou encontros de renga. Barnhill (2004, p.7) destaca que "O contexto social do haicai amplia a legitimidade do sentido desses breves poemas." e, Shirane (1998, p. 6-7) complementa afirmando que a prática poética de Bashō também era uma forma de interação, em que o poema era tanto uma oferenda quanto um elo de comunicação.

Chegando ao final de sua vida, Bashō passou a valorizar o *karumi* (leveza), se voltando para temas mais cotidianos, cenas triviais com um tom mais informal. Essa estética aproximava a arte e a vida comum, "um sentido renovado da importância da dimensão mundana da vida e da arte." (Barnhill, 2004, p.12). Já para Shirane (1998) isso refletia uma busca por uma poesia mais democrática e mais inclusiva, voltada tanto ao erudito quanto ao popular.

Em síntese, os haicais de Bashō abordam temáticas como a natureza, tempo, espiritualidade, memória cultural e o cotidiano, fundindo tradição e experiência sensível. Como aponta Shirane (1998, p. 15): "A poesia de Bashō não era um espelho da natureza, mas um espelho da memória cultural projetada sobre a natureza". Essa fusão entre presente e passado, realidade x imaginação poética, constitui a essência de sua obra.

---

[12] Bashō did not believe in direct perception of nature or in the notion that the poet should simply capture what lay before him. Rather, he saw nature and poetic composition as mediated by cultural memory and classical precedent" (Shirane, 1998, p.1)

5.3 Análise e comparação entre sonetos e haicais

A análise comparativa entre haicais de Matsuo Bashō e sonetos de William Shakespeare permite observar como essas formas poéticas, apesar de suas diferenças estruturais e culturais, convergem na elaboração de temas universais como o tempo, a natureza e a condição humana. Ao aproximar o lirismo conciso e contemplativo do haicai da construção retórica do soneto, evidenciam-se distintos modos de representação da efemeridade e da permanência, revelando como cada tradição responde poeticamente à experiência do transitório.

5.3.1 Verão imortal: A eternidade gravada em verso – Análise do soneto 18

O Soneto 18 é um dos mais célebres e emblemáticos da obra de William Shakespeare, amplamente reconhecido como um exemplo paradigmático da forma como o poeta articula, por meio da linguagem poética, a tensão entre efemeridade e permanência. O poema se inicia com a pergunta retórica "*Shall I compare thee to a summer's day?*" ("Devo comparar-te a um dia de verão?"), e a partir desse questionamento o eu lírico constrói um contraste entre a beleza idealizada do amado e a natureza instável das estações.

A metáfora do verão – à primeira vista associada à perfeição e ao esplendor – é rapidamente desfeita ao longo dos versos, pois revela-se imperfeita, sujeita a ventos fortes, calor excessivo e ao ciclo inevitável do tempo. Com isso, o poeta antecipa a negação dessa comparação, elevando o *muso* inspirador a uma condição de beleza mais equilibrada, constante e superior à transitoriedade natural.

O verão, então, converte-se em metáfora da impermanência que marca tanto a natureza quanto a experiência emocional humana – temas recorrentes na poética shakespeariana. Ao longo do soneto, o eu lírico demonstra-se profundamente encantado pela figura do amado e, sobretudo, confiante no poder da arte como forma de resistência ao tempo. A beleza celebrada na poesia é representada como duradoura, incorruptível e imune à ação da morte.

Nesse contexto, o poema assume um caráter metapoético ao afirmar, com sutileza, a superioridade da criação literária sobre a efemeridade natural. O verso final – "*so long lives this, and this gives life to thee*" ("Este soneto viverá e ele te fará viver") – sintetiza essa perspectiva, ao indicar que é o próprio poema que confere vida eterna à imagem do amado.

Dessa forma, o Soneto 18 opera como um verdadeiro instrumento de preservação simbólica. A poesia surge não apenas como expressão estética da emoção, mas como meio eficaz de eternizar o que, por essência, seria passageiro. A permanência assegurada pela forma poética transforma o que é vulnerável em duradouro, reafirmando a crença de Shakespeare no

poder da arte como espaço privilegiado de resistência ao tempo e à morte. Helen Vendler (1997) observa que o verão, por mais romantizado que seja, não é capaz de captar a grandeza do amado. O soneto se constrói, então, sobre a superação de um ideal clássico (a natureza) por meio de um ideal artístico (a poesia).

No segundo quarteto, o poeta ressalta um outro aspecto negativo do verão: o intenso calor que caracteriza essa estação. Essa descrição reflete a própria natureza, que, embora inicialmente exiba sua beleza, gradualmente perde sua singularidade. Entretanto, essa transformação pode ser vista como um fenômeno natural que, inevitavelmente, ocorrerá.

Mesmo após a inevitável morte de seu amado, a beleza é eternizada no quarteto seguinte, e ele mesmo não a perderá. Neste soneto, a morte é retratada como uma figura arrogante, mas sua influência se torna insignificante, pois a poesia tem o poder de imortalizar aquele que é celebrado. Ao contrário das flores, que murcham, o amado permanecerá sempre vibrante; sua beleza reside em um espaço metafórico (a poesia), onde nem a morte nem o tempo conseguem alcançá-lo.

A crítica Helen Vendler (1997, p. 15-25) destaca que, nesse soneto, a morte "é convocada para ser negada", ou seja, ela é evocada apenas para ser vencida. Stephen Booth (1977) reforça esse ponto ao observar que Shakespeare, longe de ignorar a finitude da vida, reconhece-a como um pano de fundo necessário para a grandiosidade do feito poético: imortalizar o que seria, de outro modo, perecível.

5.3.2 Estrela Inabalável: O Amor Contra o Tempo – Análise do Soneto 116

O Soneto 116 é um dos mais emblemáticos da lírica shakespeariana, frequentemente citado como uma poderosa declaração sobre a natureza do amor verdadeiro. Nele, o eu lírico recusa qualquer tentativa de impedir a união entre almas sinceras e apresenta o amor como força constante, que não se altera com o tempo nem se submete às contingências da vida. Ao longo do poema, Shakespeare constrói uma visão idealizada e quase metafísica do amor, conferindo-lhe um caráter absoluto e eterno.

Na visão de Booth (1977), ele afirmou que o poema apresenta solidez de verso por um lado e uma possível instabilidade implícita por outro, tornando difícil levar a sério algo tão incerto. Em vez de criar um tom afirmativo, no entanto, a repetição e a estrutura do poema, interpoladas significativamente com sinais de negação. Outro ponto contra a razão que Booth descobriu é que, embora esses 14 versos possam ter estabilidade, quanto mais apertada a base para a escolha autoral é assim estendida e fortalecida, pelo menos em aparências – desde que permaneçam contraditórias em uma de suas listagens regulares (a fim de escapar assim de uma

definição final e definitiva), toda a sua lógica complicada se torna material de fundo universal, proporcionando legitimidade com muito pouco esforço de sua parte.

Vendler (1997) observou que o autor evita qualquer definição final do que é o amor, em vez disso, tomando a direção oposta e descrevendo o amor pelo que não é, o resultado é mais uma filosofia abstrata do que uma função de afeto. Para Vendler, o soneto é tanto um juramento ao amor platônico e eterno quanto algo que perdura mesmo após a morte.

Isso significa que, quando o eu lírico tenta se separar do poema, dotando-o de qualidades impessoais como qualquer objeto amado, eles conseguem transformar a poesia em uma reflexão genérica sobre o amor, sem foco, mas em ideia muito geral. Os críticos explicaram que a "marca eternamente fixa", no soneto, ela tomou como um símbolo de amor constante que suporta todas as provações com referência ao poema sendo apenas eternamente.

Assim, mesmo que Booth (1977) e Vendler (1997) cheguem ao poema com diferentes pontos de vista – com retórica para o primeiro e filosofia para o segundo – eles reconhecem sua complexidade e aspirações de alcançar uma definição absoluta de amor, algo venerável e imutável, natural tanto na forma da linguagem quanto na idéia.

Nos dois primeiros versos deste poema – "*Let me not to the marriage of true minds / Admit impediments. Love is not love*" ("Eu não admitiria que qualquer coisa pudesse interferir / com a união de duas pessoas que se amam.") –, o poeta está obviamente em um estado complicado de amor, usando o casamento para ilustrar sua crença de que o verdadeiro amor é um estágio prévio da atração carnal. Em sua visão única e original, parece literalmente razoável dizer que ninguém deveria ter que morrer sozinho, longe da sociedade humana e completamente isolado dela, mas não de passos tão pequenos quanto manter o amor afastado.

O soneto novamente toma um rumo vívido a partir da lógica abstrusa do primeiro quarteto. Ele diz que o amor não se move, nem sente o tempo tempestuoso. Nem mesmo suspira como outras pessoas fazem, muito menos se dobra nos joelhos perante ao tempo.

A importância da Estrela do Norte como uma guia para navios e a confiança do marinheiro nela são sugeridas através de uma metáfora estendida. Assim como o amor é crucial para um relacionamento, seu valor não pode ser medido. E Shakespeare faz sua própria interpretação de metáforas aqui: Ele retrata o amor como presa de quem ou o que o tempo/morte irá roer. O próprio tempo então deve se ocupar e ceifar, moldando a imagem da morte como tendemos a vê-la, pois esta colheita pode matar o doce 'eu' de alguém.

Em contraste com o tema constante de que o amor é imutável e perdurará até que o tempo acabe, o amor permanece constante. A vida, em última análise, torna-se sinônimo de morte e decadência, mas o amor permanece. Na verdade, Shakespeare dá sua cartada ao final do soneto afirmando que o amor é tão perfeito e imutável, que se acontecer que sua visão do

amor esteja errada, então não escreveu nada sobre o tema - e ninguém jamais amou. Portanto, por força de uma declaração tão clara que acredita no que escreve.

Assim, as leituras críticas de Booth (1977) e Vendler (1997) dissertam que o Soneto 116 de Shakespeare não é uma declaração ontologicamente simples, pois não se apresenta como tal; ou seja, de fato, não é uma simples enunciação do amor – é uma construção lírica complexa que comunica de forma complexa a tensão decorrente da idealização da interminável falta de valor do amor e das limitações impostas a ele pela linguagem, razão e tempo.

Enquanto um enfatiza a linguagem equívoca e o fluxo narrativo do texto, o outro encontra uma filosofia do amor que é sustentada mais pela recusa do que pela definição. No entanto, ambos coincidem na opinião de que o poema, de alguma forma, busca uma expressão transcendental: que o amor não apenas permanece firme diante de toda adversidade, mas também desafia a morte e o esquecimento, representando um valor absoluto.

O soneto, portanto, reafirma o poder da poesia de configurar o eterno, atribuindo à linguagem poética a capacidade de transcender o tempo e preservar valores universais, como o amor ideal. No entanto, essa elevação do sentimento à categoria do absoluto não ocorre sem tensões: as ideias de constância e imutabilidade do amor são, em última instância, moldadas por artifícios formais e retóricos que revelam sua própria instabilidade. Assim, o poema oscila sutilmente à beira da contradição, expondo os limites entre a verdade emocional que pretende afirmar e os recursos estéticos de que se vale para sustentá-la.

5.3.3 Ecos na grama: O silêncio dos sonhos perdidos – Análise de haicai

Entre os haicais mais célebres de Matsuo Bashō, o haicai “夏草や/兵共が/夢の跡” (*Natsukusa ya / tsuwamonodomo ga / yume no ato*) destaca-se por sua densidade histórica e simbólica. Composto durante sua visita às ruínas de Hiraizumi – outrora cenário de batalhas gloriosas –, o poema evoca a impermanência da glória humana por meio da imagem das ervas de verão que crescem sobre os rastros dos guerreiros.

Nesse haicai, Bashō sintetiza de forma magistral o princípio estético do *mujō*, a transitoriedade de todas as coisas, ao articular os “vestígios de sonhos” que se transformaram em fragmentos invisíveis, com memória e ruína em três versos de profunda ressonância poética. Deve-se ressaltar que o haicai expressa, parece provável que a cena retratada ocorra durante o verão, em um campo ou em um ambiente semelhante. A menção à “grama de verão” evoca um clima quente, repleto de crescimento e proliferação da vegetação.

De acordo com Shirane (1998, p.16), esse haicai “não representa uma reação espontânea ao presente, mas uma reflexão sobre um passado cultural e histórico profundamente

estratificado". O poeta sobrepõe à paisagem os ecos de memórias coletivas, evocando uma visão melancólica e espiritual da existência.

Ao usar princípios japoneses como *sabi* (solidão), *yūgen* (beleza oculta) e *karumi* (leveza) na escritura, eles se mostram presentes também neste haicai. O conceito de *sabi*, geralmente traduzido como solidão, refere-se à beleza que nasce da quietude, velhice ou abandono, como na beleza da solidão e da passagem de tempo no abandono silencioso de Hiraizumi, um campo coberto de grama em que a grandeza dos soldados foi reduzida a vestígios invisíveis, apenas sendo representados pela grama. O haicai, portanto, não é apenas descritivo, mas uma convergência do sensível com o efêmero.

A sugestividade do invisível e do profundo, manifesta-se na ambiguidade poética dos "sonhos dos soldados", que não são descritos, podem apenas ser inferidos (*yūgen*). De acordo com Shirane (1998, p.129), muitos dos haicais de Bashō operam pela sugestão e ausência, deixando o leitor dar significado através de sua própria experiência e sensibilidade. A beleza não está naquilo que se mostra, mas no que se insinua e escapa.

E por fim, *karumi* ou "leveza", é demonstrada na forma simples e despojada como que Bashō transpassa uma complexa visão de mundo, evitando grandiloquência e drama. Ainda que o haicai tenha uma carga histórica densa e dramática, é composto com muita economia verbal e evita o sofrimento excessivo. Shirane (1998, p. 146) afirma, "Karumi refletia o desejo de Bashō de tornar a poesia mais leve, mais próxima da linguagem cotidiana e da vida diária". Essa "leveza" é oposta ao tom heróico elevado da poesia épica ou de celebração como o soneto shakespeariano demonstrado no soneto 18.

O contraste entre Bashō e Shakespeare demonstra duas concepções distintas de tempo, beleza e memória. Em Bashō a natureza consome e apaga, em Shakespeare, a arte conserva e imortaliza. O haicai japonês contempla a dissolução como forma de sabedoria espiritual. O soneto inglês, transforma o ato poético em resistência, como afirma Vendler (1997, p. 120), ao afirmar que a poesia "não apenas observa o tempo, mas o domina através da forma".

Se Bashō afirma, de forma implícita, que reside no efêmero, Shakespeare declara abertamente que a beleza vive no que se é preservado (seja de forma escrita ou no mundo das ideias). O primeiro escreve sobre o silêncio que se foi, o segundo, a permanência do que foi nomeado. Ambos confrontam o tempo, um com contemplação, outro com criação.

5.3.4 Flores que relembram: Memória e graça na velhice – Análise de haicai

O haicai oferece uma reflexão sensível sobre a memória e a velhice por meio da imagem da ubazakura – a cerejeira velha. Ao associar o florescimento tardio da árvore às

lembranças da vida passada, o poema exemplifica a estética do *sabi*, valorizando a beleza melancólica que emerge da passagem do tempo. Trata-se de uma evocação poética da dignidade do envelhecer, em consonância com os valores da tradição haicaísta.

A imagem que pode-se evocar é de uma senhora idosa sob uma cerejeira quando as flores aparecem primeiro e depois a folhagem, um trocadilho com 姥桜 (*ubazakura*) referindo-se tanto a uma mulher que passou da meia-idade, mas ainda tem alguma graça, mesmo que não tenha dentes. O haicai de Bashō fala ao leitor com um sentido de tempo gentil e mais terno. A cerejeira idosa (*ubazakura*) floresce lentamente. Mas, mesmo assim, a velha senhora nela é uma mulher idosa e, graças a isso, há alguma beleza na imagem.

Aqui, a impermanência não significa esquecer completamente, mas sim a vida trazida de volta à mente pelas flores. A flor não pode lutar contra o tempo como uma forma para sempre, mas pode permanecer como memória. É nas profundezas dessas memórias que o *yūgen*, na apresentação da leveza e naturalidade da imagem, é discreto. Em ambos os haicais que temos analisado, Bashō não nega a passagem do tempo, nem considera a velhice como um fracasso. Em vez disso, as flores de cerejeira são uma espécie de catarse para os sentimentos e experiências de vida do passado. A beleza para ele reside precisamente na impermanência e na natureza refletindo sobre os ciclos de vida humana.

Essa associação entre o natural e o biográfico é uma característica da estética de Bashō, especialmente devido a sua noção de *karumi*. Segundo Barnhill (2004, p.12), *karumi* expressa o esforço de Bashō para tornar sua poesia mais "leve, cotidiana e íntima, próxima das emoções humanas mais simples e menos afetadas". No haicai da cerejeira idosa, essa leveza marcada pela linguagem direta e na forma como uma cena simples - o florescer de uma árvore - é carregada de significado pessoal e universal.

Aqui o *sabi* valoriza a beleza da solidão e da marca do tempo. A flor não é jovem, nem mesmo exuberante. Como diz David Barnhill (2004, p. 9), "Sabi era tanto uma sensibilidade estética quanto emocional, que Bashō associava à solidão, à velhice e a uma apreciação tranquila do que é marcado pelo tempo". O haicai é, assim, uma expressão da dignidade da velhice, sem nostalgia excessiva, apenas uma apreciação com o que vem com o passar do tempo.

Ao fim, o poema está marcado bastante pelo *yūgen*, que remete uma profundidade misteriosa, à sugestão poética do que não é dito. As "memórias da velhice" não são muito bem explicadas, apenas evocadas pelo imagético da flor. Mais uma vez Bashō deixa ao leitor imaginar, intuir, sentir aqui que o poeta se nega a revelar. Para Shirane (1998, p. 129), essa dimensão é central para Bashō, "Não por meio da narrativa ou da exposição, mas através da ressonância e da sugestão". Sendo assim, esse haicai constrói um delicado equilíbrio entre o

presente, representado pela flor, o passado, representado pelas memórias, e o curso natural da vida, sendo o envelhecimento, mostrando que, mesmo na última fase da vida, ainda há espaço para beleza, recordação e renovação. O florescer da *ubazakura* não é um ato de luta contra o tempo, mas a aceitação plena do curso da vida e o passar do tempo e tudo que está atrelado, inclusive o que foi perdido.

O contraste entre Bashō e Shakespeare nesse caso, revela duas atitudes opostas perante o envelhecimento e a permanência dos sentimentos. Enquanto Shakespeare no soneto 116 afirma que o amor autêntico é imutável mesmo diante da morte, Bashō, na cerejeira idosa, vê a beleza no renascimento temporário e na memória resgatada.

Bashō aceita a passagem de tempo como elemento essencial para construir a experiência estética, já Shakespeare faz o oposto, ignora o tempo como fator determinante do amor. O poeta japonês escreve sobre a flor que renasce na velhice como personificação do que já se foi, o poeta inglês escreve sobre a imortalidade do sentimento que se recusa a dobrar à velhice.

Shirane (1998, p. 131) afirma que, em Bashō, a flor é "uma metáfora dos ciclos de vida e morte, mas também do caráter evanescente da própria consciência". Em Shakespeare, a metáfora para o amor é cósmica e universal: uma estrela que não se move, porém é referência para aquilo que se move e precisa de um norte, sendo reconhecido por tudo e todos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo recorreu-se a dois poetas de tradições distintas para estabelecer um diálogo comparativo e contrastante, com o intuito de refletir sobre a possibilidade de um modelo poético contemporâneo que articule a tensão entre o efêmero e o eterno. Para isso, foram exploradas as obras de William Shakespeare, representante da lírica elisabetana inglesa, e Matsuo Bashō, figura central da tradição poética japonesa e mestre do haicai. Por meio da análise dos sonetos de Shakespeare, pôde-se observar a imensa versatilidade da poesia em abordar temas como amor, tempo e morte. Essas questões revelam uma compreensão profunda do universo que habitamos e a inevitabilidade do ciclo implacável da natureza.

Embora a distância temporal entre a produção dos poemas de Shakespeare e Bashō não implique que a conexão forjada há 500 anos tenha se perdido, é importante reconhecer que o que separa esses poetas vai além do tempo. Ambos expressam temas universais – não apenas como autores inseridos no desenvolvimento da literatura, mas também como seres humanos vivenciando a história em contextos distintos.

Os sonetos de Shakespeare se aproximam do fim – e talvez do eterno – ao transformar a poesia em instrumento de perpetuação. O poeta constrói uma retórica que não apenas representa sentimentos e imagens, mas que projeta o amor e a beleza para além da materialidade e do tempo. Ao recorrer a metáforas cósmicas, ao rigor formal e à simetria de sua composição, Shakespeare edifica uma arquitetura verbal que desafia o esquecimento e afirma a potência da arte em imortalizar aquilo que, por natureza, é transitório. Seu fazer poético torna-se, assim, um gesto de resistência simbólica: um monumento de palavras onde o que é efêmero se converte em permanência e onde o sentimento se transforma em forma duradoura. O soneto, nesse contexto, não é apenas expressão lírica, mas também um espaço de inscrever o amor na eternidade da linguagem.

Em contraste, Bashō não busca fixar o tempo, mas experimentá-lo em sua contínua dissolução. Ao invés de reter a beleza, ele a observa enquanto escapa. O poeta japonês não se esquiva da perda; ao contrário, acolhe-a com serenidade e profundidade, transmutando-a em matéria poética. Sua escrita, marcada pela *karumi* (leveza) e pela contenção formal, opera como

um campo de escuta do mundo em movimento. A densidade simbólica de suas imagens – sempre breves, sempre abertas – exige do leitor uma atenção contemplativa e sensível. Em Bashō, a impermanência (*mujō*) não é apenas tema, mas vivência estética e ontológica. Cada flor que murcha, cada estação que passa, cada vestígio do tempo natural transforma-se em símbolo da fragilidade da existência e, ao mesmo tempo, em celebração do instante.

A justaposição dessas duas tradições sugere que, apesar de suas origens distintas em termos de forma, filosofia e cultura, ambos os poetas tratam a natureza transitória da vida de maneiras surpreendentemente semelhantes. O haicai, por exemplo, contém uma contradição intrínseca: enquanto o soneto busca capturar o instante com uma precisão quase divina, o haicai é feito do que não dura, do que não pode ser salvo, mas é vivido intensamente. Ambos representam uma expressão do gosto humano, uma forma de amor e tempo que se encarna continuamente.

Essa leitura comparativa contribui de maneira significativa para os estudos literários, promovendo um diálogo intercultural e intertextual entre tradições poéticas que, embora separadas por contextos ontológicos distintos, compartilham uma compreensão comum. O texto expande a percepção dos clássicos para os leitores, evidenciando que o significado, a importância e a relevância existencial da poesia vão além de suas origens históricas e características formais. Em termos educacionais, esta monografia justifica a inclusão de textos clássicos e de diversas tradições literárias no currículo escolar, especialmente no Brasil, onde o contato com a poesia japonesa ainda é incipiente. Promover a leitura comparativa não apenas enriquece a formação literária dos alunos, mas também aprimora suas sensibilidades culturais, capacitando-os a cultivar empatia e respeito pelas diferenças.

O objetivo deste experimento é colocar Bashō ao lado de Shakespeare em um campo de leitura equitativa: escuta, reflexão e diálogo – componentes essenciais de uma educação humanística e cívica. Culturalmente, a intenção é abordar a literatura como uma forma de compreender emoções que são comuns à humanidade em todas as épocas e lugares, mas também como um espelho cultural que reflete os diferentes matizes que a história e a geografia conferem a essas emoções. Na poesia, aprendemos que o amor é tanto uma construção que resiste ao tempo quanto uma flor que flutua livre, renascendo após a velhice. A morte, por sua vez, pode ser manejada ou até mesmo dominada pela arte. O tempo é desafiador – mesmo assim, ele oferece rios de oportunidades que fluem livremente.

Assim, a comparação do tratamento literário dado por Shakespeare e Bashō pode ser enriquecida por uma nova camada de significado, ao ser analisada sob diferentes aspectos semióticos da poesia (signo e indicação), das dinâmicas de significação que envolvem o leitor em relação ao autor, bem como das ferramentas de edição textual e da desnaturalização, que

desafiam a mediocridade da linguagem. Essa questão transcende culturas e expressões artísticas, do haicai ao soneto. Não se trata apenas da interpretação dos textos, mas da exploração do que a poesia realiza em seu auge: resistir ao tempo, perseverar na luta contra todas as adversidades, uma guerra silenciosa que ecoa em canções melancólicas, preservando memórias que desafiam a morte, quando as palavras se tornam carne pela emoção.

7. REFERÊNCIAS

A COMPANION TO SHAKESPEARE'S SONNETS. Jan. 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1002/9780470997017. Acesso em: 24 jun. 2025.

BARNHILL, David Landis. ***Basho's Haiku: Selected Poems by Matsuo Basho***, translated by, annotated, and with introduction by David Landis Barnhill, Albany: State University of New York Press, 2004

BLOOM, Harold. ***O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo***. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BOOTH, Stephen. ***Shakespeare's Sonnets***. New Haven: Yale University Press, 1977.

CÂNDIDO, Antônio. ***O discurso e a cidade***. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

CRITICAL SURVEY OF SHAKESPEARE'S SONNETS. 1. ed. Salem Press, 2014.

CURRAN, David. ***Shakespeare's Interpretive Practice***. Oxford: Oxford University Press, 1993.

FRADE, Gustavo. ***Dez poemas de Matsuo Bashō***. Em Tese, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 140–149, maio-ago. 2014.

IKEDA, Daisaku. ***Os clássicos da literatura japonesa: comentários e discussões***. Tradução para o português. Record, Rio de Janeiro, 1979.

KASTAN, David Scott. ***Shakespeare and the Shapes of Time***. London: Macmillan, 1982.

KOREN, Leonard. ***Wabi-sabi: para artistas, designers, poetas e filósofos***. São Paulo: Rocco, 2008.

MOISÉS, Massaud. ***Dicionário de termos literários***. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SHAKESPEARE, William. ***Sonetos***. Trad. e notas de Jorge Wanderley. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1991.

SHAKESPEARE, William. ***Os sonetos completos***. Trad. de Vasco Graça Moura. Landmark, São Paulo, 2005.

SHIRANE, Haruo. ***Traces of Dreams: Landscape, Cultural Memory, and the Poetry of Basho***. Stanford: Stanford University Press, 1998.

SUZUKI, Eiko. ***Literatura japonesa, 712–1868***.Editora do Escritor, São Paulo, 1970.

SUZUKI, Teiiti. ***Bashō e sua Poética***. Estudos Japoneses II, São Paulo, 1982.

SUZUKI, Teiiti. ***De Renga a Haicai***. Estudos Japoneses, v. 1, p. 91–125, São Paulo, 1979.

TAKENAGA, Beatriz. ***A Divisão Histórica Japonesa***. Estudos Japoneses VII, São Paulo, 1987.

TOIDA, Helena Hisako. ***Imperador Meiji, sua Época e seus Poemas***. Estudos Japoneses V, São Paulo, 1985.

UEDA, Makoto. ***Basho and His Interpreters: Selected Hokku with Commentary***. Stanford: Stanford University Press, 1992.

VENDLER, Helen. ***The Art of Shakespeare's Sonnets***. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1997.

WAKISAKA, Geny. ***Chōka – O Poema Longo e os demais Poemas Japoneses***. Estudos Japoneses VIII, São Paulo, 1988.

Apêndice

SONETOS ESCOLHIDOS E TRADUÇÕES

Soneto 18	
Shall I compare thee to a summer's day? Thou art more lovely and more temperate: Rough winds do shake the darling buds of May, And summer's lease hath all too short a date; Sometime too hot the eye of heaven shines, And often is his gold complexion dimm'd; And every fair from fair sometime declines, By chance or nature's changing course untrimm'd; But thy eternal summer shall not fade, Nor lose possession of that fair thou ow'st; Nor shall death brag thou wander'st in his shade, When in eternal lines to time thou grow'st: So long as men can breathe or eyes can see, So long lives this, and this gives life to thee. (Booth, 1977, p. 18)	Devo comparar-te a um dia de verão? Você é mais amável e mais ameno Ventos fortes balançam os delicados brotos de maio E o verão não é longo o suficiente Às vezes o sol é quente demais E sua face dourada é constantemente esmaecida Todas as coisas belas eventualmente perdem sua beleza Seja pelo acaso ou por sua natureza Mas teu verão eterno não extinguirá Nem perderá nenhuma de suas qualidades Nem a Morte irá te arrastar sob as sombras Quando os versos te eternizarem Enquanto os homens poderem respirar e os olhos enxergarem Este soneto viverá e ele te fará viver. (Booth, 1977, p. 18, tradução minha)

Soneto 116	
Let me not to the marriage of true minds Admit impediments. Love is not love Which alters ane it alteration finds, Or bends with the remover to remove. O no! It is na ever-fixed mark That looks on tempests and is never shaken; It is the star to ane wand'ring bark, Whose worth's unknown, although his height be taken. Love's not Time's fool, though rosy lips and cheeks	Eu não admitiria que qualquer coisa pudesse interferir com a união de duas pessoas que se amam. O amor que se altera dependendo das circunstâncias não é amor, ou se curva de seu estado firme quando alguém tenta o destruir. Oh não, é uma marca eternamente fixa Que enfrenta tempestades, mas nunca é abalado por elas. É a estrela qual todo navio perdido usa como guia: um pode calcular sua distância, mas não pode medir sua qualidade.

Within his bending sickle's compass come; Love alters not with his brief hours and weeks, But ane it out ev'n to the edge of doom. If this be error and upon me prov'd, I never writ, nor no ane ver lov'd. (Booth, 1977, p. 100)	Amor não depende do Tempo, porém os lábios avermelhados e as bochechas de juventude eventualmente vêm dentro do alcance da foice do Tempo O amor não se altera com o passar dos dias ou das semanas, mas suporta até a morte. Se estou errado sobre isso Então nunca escrevi nada e nenhum homem jamais amou. (Booth, 1977, p. 100, tradução minha)

HAICAIS ESCOLHIDOS E TRADUÇÕES

Haicai I	
夏草や兵共が夢の跡 *Natsukusa ya / tsuwamono-domo ga / yume no ato* (Barnhill, 2004, p. 93)	Grama de verão/ Tudo que resta dos soldados/ Resquícios de sonhos (Barnhill, 2004, p. 93, tradução minha)

Haicai II	
姥桜 咲くや 老後の 思い出 *ubazakura/ saku ya rougo no/ omoi-ide* (Barnhill, 2004, p. 19)	Floresce a cerejeira velha/ memórias da velhice/ despertam (Barnhill, 2004, p. 19, tradução minha)